

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

UNIVERSITY EXTENSION FROM THE PERSPECTIVE OF POPULAR EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO THE TRAINING OF PEDAGOGY STUDENTS

Rogério Oliveira dos Santos

Graduado em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: olliveiraroger17@gmail.com

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Doutora em Educação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: mariaeuracia@ufrb.edu.br

RESUMO

O presente artigo versa sobre a experiência como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), no Núcleo Carolina Maria de Jesus, do Programa de Extensão Tecelando, assim como de estudantes/estagiários de Pedagogia na tessitura dos saberes entre a Extensão Universitária e a Educação Popular. Diante disso, busca-se compreender as contribuições da extensão universitária na perspectiva da Educação popular para a formação de estudantes do curso de Pedagogia. No que tange à fundamentação teórica, está pautada em autores que pesquisam, discutem e problematizam a temática aqui discutida, a exemplo de Freire(1977; 1987) e Brandão(1981; 2009). A metodologia utilizada corresponde a uma pesquisa de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), do tipo pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2003), para isso, utilizou-se como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada (MINAYO, 2001), realizada de maneira virtual pela plataforma Google Meet com dois estudantes/estagiários do curso de Pedagogia. A perspectiva de análise dos dados está referenciada nos estudos da Análise do Conteúdo (BARDIN, 1977). A partir desse processo investigativo, a experiência extensionista possibilitou a ampliação do olhar crítico-reflexivo dos graduandos sobre a sociedade e as dimensões que marcam o processo educativo para além dos muros das escolas e das universidades.

Palavras-chave: Pibex. Experiência. Saberes. Universidade. Comunidade.

ABSTRACT

The present article deals with the experience as scholarship holder in the Institutional Program of Scholarship of Extension (PIBEX) in the Carolina Maria de Jesus Nucleus of the Weaving Extension Program as well as of students/pedagogy trainees in the weaving of knowledge between the University Extension and Popular Education. Therefore, we sought to understand the contributions of university extension from the perspective of Popular Education for the education of students of the Pedagogy course. As far as the theoretical foundation is concerned, it is based on authors who research, discuss and problematize the theme dis-

cussed here, such as Freire(1977; 1987) andBrandão(1981; 2009). The methodology used corresponds to a qualitative research approach (MINAYO, 2001), of the field research type (MARCONI; LAKATOS, 2003), for that, it was used as an instrument of data production the semi-structured interview (MINAYO, 2001) that was carried out virtually by the Google Meet platform with two students/interns of the Pedagogy course. The perspective of data analysis is referenced in the studies of Content Analysis (BARDIN, 1977). From this study, we realize the importance of university extension in the perspective of popular education is important both for the academic experience of the undergraduate student and for their personal development.

Keywords: Pibex. Experience. Knowledge. University. Community.

APONTAMENTOS INICIAIS

Este artigo é resultado da experiência de atuação como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), no Núcleo Carolina Maria de Jesus: Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora, vinculado ao Programa de Extensão Tecelendo, ambos do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

O PIBEX é um programa que compreende o financiamento de programas e projetos de extensão da UFRB, cujo objetivo é viabilizar e estimular a interação dos estudantes de graduação com outros setores da sociedade a partir de ações que contribuam para formação dos graduandos em nível acadêmico, profissional e cidadão. (RESOLUÇÃO 06/2016 – UFRB).

O Núcleo Carolina Maria de Jesus surge a partir de amplas reflexões no Programa de Extensão Tecelendo da UFRB, buscando articular os trabalhos sobre a Educação Popular e Alfabetização para a classe trabalhadora. O núcleo mobiliza a comunidade acadêmica, científica, os movimentos sociais, pesquisadores e demais pessoas interessadas nas discussões que dialogam com as seguintes linhas de pesquisa: 1- Educação Popular, Formação de Educadores e Alfabetização da Classe Trabalhadora; 2- Educação Popular e do Campo, Movimentos Sociais, Agroecologia e Território(s); 3 - Educação Popular e de Jovens, Adultos e Idosos, Letramento(s) e Diversidades Linguísticas, as quais têm contribuído para a reflexão de temáticas

emergentes, realizando estudos e pesquisas no sentido de cooperar para formação de educadores, mas também para a produção e socialização do conhecimento. Por meio das diversas ações formativas do Núcleo tem se ampliado as discussões acerca Educação Popular, eixo que dá centralidade às reflexões, além disso, as suas três temáticas que estão diretamente articuladas: Educação de Jovens, Adultos e Idosos, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora.

Já o Programa de Extensão Tecelendo surgiu no ano de 2008 a partir da realização do projeto de alfabetização de jovens, adultos e idosos. Este, ao longo dos anos, vem sendo realizado metodologicamente com base na tecelagem artesanal, a qual reúne pessoas em um processo de conhecimento fundado nas perspectivas do trabalho e da arte, assumindo, assim, o processo de significação da leitura e da escrita.

Em 2014, o Tecelendo instituiu-se como Programa de extensão e, desde então, ganha força o trabalho com a formação de professores na perspectiva da Educação Popular. O Tecelendo está firmado sobre a formação política e o fortalecimento da coletividade a partir das categorias etnia, gênero e classe, buscando compreender historicamente a constituição das pessoas tendo em vista estas categorias.

Desse modo, as ações foram concretizadas a partir de encontros no Núcleo Carolina Maria de Jesus e atividades conjuntas com o Programa de Extensão Tecelendo, sendo o espaço físico de realização das atividades práticas do Núcleo durante o período de 2022, na condição de bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) por meio do Nú-

cleo supramencionado.

A extensão universitária e a educação popular fazem parte de minha formação desde o ano de 2020, quando ingressei no Grupo de Estudos em Educação Popular e Agroecologia, que é um dos coletivos que integram o Núcleo; desde então, venho realizando ações e estudos nessa perspectiva. Atuar pelo PIBEX junto ao Núcleo e ao Tecelendo foi de fundamental relevância para compreensão do papel de educador.

Diante da complexidade inerente à formação dos estudantes das licenciaturas que vivenciam o espaço da extensão universitária em atividades de componentes obrigatórios, compreende-se que este espaço correlacionado à educação popular pode incidir como um diferencial e potência na formação inicial desses estudantes e contribuições significativas podem ser notadas. Dessa maneira, nasce a inquietude em conhecer quais as percepções dos estudantes/estagiários do curso de Pedagogia sobre a extensão universitária na perspectiva da educação popular? Devido a esta inquietação apresentada, foi possível, por meio deste estudo, conhecer como os estudantes vivenciaram este espaço a partir do estágio supervisionado em Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares e pelo componente de Educação Popular.

O objetivo deste estudo é compreender as contribuições da extensão universitária na perspectiva da educação popular para a formação de estudantes do curso de Pedagogia. Arelado a isso, busco apresentar algumas contribuições de minha experiência como bolsista do PIBEX com atuação no Programa de Extensão Tecelendo, na condição de membro do Núcleo Carolina Maria de Jesus.

EDUCAÇÃO POPULAR E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ENTRE CONCEPÇÕES E REFLEXÕES

A educação acontece de variadas formas e em diferentes espaços. Por isso, não podemos re-

duzi-la a um único modelo, tampouco a um só ambiente. A educação é plural e diversa, ocorre cotidianamente em qualquer lugar. Corroborando com tal reflexão, Brandão (1981) entende que nenhuma pessoa escapa da educação, justamente porque os processos de educação perpassam pelos diferentes espaços.

De acordo com o autor, “em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. E acrescenta que utilizamos dessa educação “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.” (BRANDÃO, 1891, p. 7) É evidente que o autor não a compreende como um processo único e estático, mas dialético e livre que acontece de diferentes formas; ambas as educações perpassam pelo processo de ensinar-aprender na criação e recriação de sua própria realidade.

Diante dessa reflexão, observa-se que a educação popular é um manifesto desses modelos de educações mencionados por Brandão (1891), uma vez que esta dialoga com a vida, é realizada com o povo e para o povo. Nesse sentido, verificamos a valorização de saberes negligenciados e o reconhecimento da classe popular como pessoas no sentido da humanização.

A educação popular corresponde aos processos de educação que dialogam com a classe trabalhadora e com o saber da comunidade, buscando construir uma sociedade mais igualitária em direitos e oportunidades melhores de viver no mundo. Ela se apresenta de forma rebelde no sentido de resistir aos processos de coisificação do homem. “A educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares por meio da educação.” (BRANDÃO, 2009, p.27). É a educação feita com o povo e para o povo que promove uma sociedade justa e democrática para as classes oprimidas e discriminadas, pensando, sobretudo, a conscientização dessas pessoas para intervir de maneira consciente na sociedade.

Compreendendo-a historicamente, Brandão (2009) menciona como surgiram os primeiros

movimentos de educação popular:

Uma primeira experiência de educação com as classes populares (com essa concepção), a que se deu sucessivamente o nome de educação de base, educação libertadora e, mais tarde, educação popular, surgiu no Brasil no começo da década de 1960, no interior de grupos e movimentos da sociedade civil, alguns deles associados a setores de governos municipais, estaduais ou da federação. Surgiu como um movimento de educadores, que trouxeram, para o seu âmbito de atuação profissional e militante, teorias e práticas do que então se chamou cultura popular e se considerou como uma base simbólico-ideológica de processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares para uma luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigente. (BRANDÃO, 2009, p.27-28)

Segundo Brandão (2009), os primeiros movimentos de educação popular sugeriram de forma organizada e com seu objetivo fortificado. Essa concepção nasce de grupos e movimentos sociais junto ao movimento de educadores que redirecionaram as práticas por meio da perspectiva militante e incorporaram fortemente os processos políticos de organização e mobilização da classe popular para que lutassem pela modificação da realidade.

Com base nessa reflexão, pode-se compreender historicamente como se constituiu a educação popular no Brasil. Seu papel é o compromisso com a mobilização da luta pelas classes populares; nasce a partir de uma educação de base e está fincada na perspectiva libertadora e humanizadora, principalmente pelo trabalho realizado em coletividade. Por ter um viés político muito fortalecido, a educação popular é, em sua essência, militante. Nessa perspectiva, Brandão (2009) assim esclarece:

Pela primeira vez surge a proposta de uma educação que é popular não porque o seu trabalho se dirige a operários e camponeses prematuramente excluídos da escola seriada, mas porque o que ela “ensina” vincula-se organicamente à possibilidade de criação de um saber popular, por meio da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia. (BRANDÃO, 2009, p.32)

A proposta da educação na perspectiva popular é de fortalecer e constituir uma educação para o povo que esteja vinculada a seus mo-

dos de vida e as suas culturas, a fim de que os saberes populares que perpassam a nossa história como humanidade sejam reconhecidos e valorizados e se instaurem como uma outra forma de reconstruir a história daqueles que sempre estiveram na condição de oprimidos.

Dito isso, Brandão (2009) afirma que “no caso da educação popular, [saberes] referentes à resistência e à construção contra-hegemônica na perspectiva da autonomia dos sujeitos no processo histórico.” (BRANDÃO, 2009, p.47). Sendo a educação popular resistência aos modelos de educação opressoras e tradicionais, configura-se também como uma perspectiva contra-hegemônica de denúncia, mas também de mobilização e conscientização da classe popular.

Com isso, Paulo Freire torna-se um pioneiro a experimentar práticas de alfabetização da classe trabalhadora, por ter desenvolvido método de alfabetização revolucionário. Brandão (2009) menciona como essas experiências de Paulo Freire foram importantes para o fortalecimento da perspectiva da educação popular no Brasil e na América-latina, ou seja,

[...] A partir das conhecidas experiências de Paulo Freire e sua equipe no Nordeste, em que todo um trabalho de alfabetização começava por uma pesquisa conjunta do universo cultural popular. E que, depois, as próprias aulas eram realizadas através de círculos de cultura, em que o trabalho de ensinar-e-aprender pretendia ganhar uma inesperada e inovadora dimensão dialógica. (BRANDÃO, 2009, p.52)

As experiências de Paulo Freire comprovam como acontece o movimento de ação-reflexão-ação, de modo que “o próprio ensino da leitura de palavras da língua portuguesa começava e continuava por meio de uma reflexão coletiva a partir da questão teórica da cultura e dos elementos da cultura local de cada grupo de educandos.” (BRANDÃO, 2009, p.52). A ação de Paulo Freire diz respeito à prática da cultura que reverbera a liberdade, sendo uma educação dialógica e libertadora.

Os movimentos de cultura popular foram responsáveis por muitos avanços no que tange à educação popular que possuía uma prática desenvolvida com as classes populares, cujo

objetivo era libertar esse povo por meio do trabalho realizado em coletividade.

Diante das reflexões apresentadas, é evidente que a educação popular corresponde a um processo de luta pelo direito à educação, moradia, trabalho decente, saúde e segurança alimentar. Nesses termos, a educação popular tem a sua epistemologia baseada na concepção de valorização dos saberes populares, pensando a coletividade e a diversidade de saberes numa perspectiva social, humanizadora e que transforma o sujeito e a sua realidade.

A exemplo da educação popular que reconhece e valoriza os saberes de senso comum, a extensão universitária caracteriza-se como uma oportunidade de vivenciar a comunidade e os saberes produzidos pelas pessoas. Essa experiência agrega de forma positiva saberes à formação do estudante de graduação.

Visto ser de fundamental importância na vida acadêmica dos estudantes, a extensão universitária incentiva a participação popular na universidade, atrelando o acadêmico e o popular, de modo a construir a participação social da comunidade na universidade. Paulo Freire, em seu livro *Extensão e comunicação*, estabelece a extensão como aquela que comunica a cultura, dessa forma, entende que a comunicação promove a conscientização. Neste cenário, Paulo Freire narra como o fenômeno educativo acontece, não no sentido de transferir nem de invadir, mas de participação do sujeito no ato de aprender, isso vale também para a extensão.

Nessa perspectiva, o autor entende que “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aquelas que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.” (FREIRE, 1977, p.22). Forjada nesta concepção, a extensão entendida por Freire corresponde a um processo cujo conhecimento não se estende, mas se constrói a partir das relações do homem com o mundo, pois não existe conhecimento sem essa relação, porque não existe um sem o outro.

Como práxis e ação transformadora a extensão universitária se fortalece, práxis da ação-

-reflexão-ação visto que permeia por campos diferentes, mas que se complementam, isto é, o saber popular e o saber científico e sistematizado; trata-se de uma ação transformadora, porque ações de extensão buscam transformar a realidade social a fim de ressignificar e valorizar os diversos saberes em prol de uma sociedade cuja democratização dos saberes seja uma realidade.

A Resolução Nº 38/2017 (UFRB), que dispõe sobre as normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Capítulo I, aborda aspectos da concepção, dos objetivos e das diretrizes da Extensão Universitária. No Art. 2º define a concepção: “A Extensão Universitária é um processo educativo, artístico, cultural e científico que articula as atividades de ensino e pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a Universidade e os demais setores da sociedade”. Com base no Art. 2º da Resolução Nº 38/2017 (UFRB), a extensão universitária corresponde a um modelo que une os processos educativos que envolvem a arte, a cultura e a ciência sob a égide do ensino e da pesquisa como um meio de transformação social.

Observa-se que os objetivos propostos na Resolução Nº 38/2017 (UFRB) alinham-se, de maneira muito próxima, àquilo que a educação popular tem como princípios, sendo o trabalho em coletivo e a valorização dos saberes; no entanto, há uma predominância da universidade e do saber científico, ainda que se interesse em buscar soluções para os problemas da sociedade. Em muitos casos, buscam atingir seus objetivos de pesquisas e passam a ver a comunidade como uma fonte para tal feito, tendo em vista, desta forma, não se tornar o que Freire (1977) denomina invasão cultural, impondo-lhes suas concepções e visões de mundo e fazendo com que fiquem impedidas quaisquer manifestações que sejam próprias daquela comunidade. A extensão universitária deve, por essência, promover a socialização do conhecimento na comunidade para que haja a democratização do saber, mas não somente o saber acadêmico.

Partindo desse ponto de vista, é urgente pensarmos em uma extensão que seja popular,

que acolha, respeite e valorize os saberes da comunidade, suas culturas e modos de vida para juntos pensarmos e transformarmos o mundo e, conseqüentemente, garantirmos a educação libertadora e humanizadora, realizada com o povo e para o povo, denominada Educação Popular. Como afirma Freire (1987), não há saber maior que outro, mas saberes diferentes. Cada um deles deve ser respeitado e valorizado.

Partindo desse pressuposto, Rocha (1984) salienta que a extensão deve ser considerada “[...] um espaço possibilitador de estabelecimento de uma ligação com a classe trabalhadora, que permita um intercâmbio de conhecimentos, no qual a universidade aprenda a partir do saber popular e assessore as populações no sentido de sua emancipação crítica.” (ROCHA, 1984, p. 59). A extensão universitária precisa ser compreendida na perspectiva popular porque ela se realiza com a comunidade, para que, assim, possibilite o entrelaçamento de saberes pensando a emancipação e a transformação social. Desse modo, Brandão (1981, p. 13) declara que “[...] Existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber [...]”. Neste sentido, a extensão universitária e a educação popular são espaços onde acontecem diferentes processos educativos, por isso é importante garantir a participação, formação e discussões de abordagens educativas para toda a comunidade.

Portanto, Freire (1987) compreende a necessidade de reconhecer o “Povo como sujeito do conhecimento de si mesmo.” (FREIRE, 1987, p.35). É imprescindível estabelecer relações de trocas com a comunidade, a valorização dos saberes e o respeito às culturas. Seja na educação popular ou na extensão universitária, o saber se constrói na relação com o mundo e com as pessoas; reconhecer essa percepção implica no processo de ensino-aprendizagem a partir de uma ação dialógica e de interação de saberes.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo configura-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que [...] “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.” (MINAYO, 2001, p.21-22). A pesquisa qualitativa favorece um universo de significados, por isso, não pode ser quantificada. Por meio desta, as subjetividades e as experiências revelam-se elementos importantes para serem analisados e sistematizados a partir do campo empírico.

Esse trajeto foi concretizado por meio de uma pesquisa de campo que permite um encontro significativo com as experiências vivenciadas pelos sujeitos. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo “consiste em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 187). Este tipo de pesquisa permite a imersão na realidade empírica, no intuito de perceber os fenômenos e os fatos presentes.

Como procedimento de produção dos dados, utilizou-se da entrevista semiestruturada a partir de um roteiro previamente definido. Nesse sentido, Minayo (2001, p. 57) compreende que esta permite um universo de informações; “[...] através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” que certamente beneficiarão a pesquisa de campo a partir das narrativas dos sujeitos colaboradores.

A pesquisa de campo foi realizada de forma virtual pela plataforma Google Meet, mediante a impossibilidade da realização desse momento de forma presencial. Para este estudo foram selecionados dois estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia que estagiaram no Programa de Extensão Tecelendo durante o ano de 2022, quais sejam: Pedro, curso de Pedagogia, 3º semestre, estagiou pelos componentes de Educação Popular e Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares, tendo como campo de estágio o supracitado programa; Iasmim, curso de Pedagogia,

9º semestre, estagiou pelo componente de Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares, tendo como campo de estágio a Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária, também vinculada ao Programa de Extensão Tecelendo.

Os sujeitos da pesquisa foram identificados por nomes fictícios escolhidos no momento da entrevista, de modo a preservar suas verdadeiras identidades. A escolha destes sujeitos decorre de sua participação efetiva como estagiários no Programa acima mencionado.

No que diz respeito à análise de dados, utilizou-se da perspectiva da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), por ser um importante instrumento para elaboração dos resultados da pesquisa mediante o campo empírico, pois permite construir algumas deduções baseadas nas narrativas apresentadas no momento da entrevista, o que, conforme a autora, possibilita estabelecer uma relação proximal com o sujeitos da pesquisa.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR: QUAIS CONTRIBUIÇÕES FORMATIVAS EMERGIRAM?

Com base nas narrativas apresentadas pelos estudantes do curso de Pedagogia, algumas contribuições foram construídas durante o processo de vivência com a extensão universitária na perspectiva da Educação Popular, na condição de estagiários. Na compreensão dos estudantes, a educação popular é o movimento que acontece fora dos processos tradicionais de educação que estamos acostumados a vivenciar.

Neste sentido, quando questionado sobre o que é educação popular, Pedro afirma:

A educação popular, pra mim, eu poderia dizer primeiro assim que é uma forma diferente de fazer educação, só que a primeira coisa que eu lembro quando alguém me pergunta o que é educação popular, é a vida mesmo e a questão dos saberes, de valorizar realmente o que o outro sabe independente do que seja [...]. Para

mim, a educação popular ela, quando eu digo que é a educação popular eu penso muito no objetivo dela, fico nessa de falar assim o que é educação popular porque ao mesmo tempo que ela é, é o que ela pretende, a educação popular é uma forma diferente de fazer educação que não é a educação tradicional, aquela que o professor está sempre entendendo que seus alunos apenas ouvem, a educação popular ela vem para dizer que todos precisam ser ouvidos para que sejam também transformados. (PEDRO, 2023)

Em consonância com a narrativa de Pedro, assim demonstra compreender a educação popular pelo mesmo viés de Pedro, quando ela narra:

Bom, a educação popular, eu acredito que é uma educação que acontece fora do espaço escolar, é uma educação que tem um pouco mais de liberdade tanto do profissional, do pedagogo que tá ali exercendo num ambiente diferente, eu acho que é um tipo de educação diferente da educação tradicional, é uma educação mais livre, mas também ao mesmo tempo uma educação que tem uma finalidade, uma educação direcionada. (IASMIM, 2023)

O conceito de educação popular apresentado pelos estudantes/estagiários corresponde a uma só ideia, de que é uma educação diferente da ministrada nas escolas. Por não ser tradicional, ela é, em sua essência, libertadora e humanizadora. Desse modo, o diálogo se faz presente e o seu direcionamento é a transformação dos sujeitos e do mundo. Esse movimento acontece de forma política, organizada e respeitosa, sobretudo, aos saberes, culturas e modos de vida desses sujeitos.

Nessa compreensão, Brandão (2009) menciona:

Assim, hoje, no início do século 21, a educação popular deve ser realizada de forma a reafirmar a sua essência, o compromisso com a causa do povo e uma prática pedagógica que pergunte às pessoas quem elas são, que se abre a ouvi-las dizer como elas desejam e não desejam ser; em que mundo querem viver; a que mundo de vida social estão dispostas a ser preparadas para preservar, criar ou transformar. (BRANDÃO, 2009, p.91)

A educação popular, em sua essência, realiza-se com o povo, sendo o diálogo princípio

fundante das relações que ela estabelece. Seu papel na sociedade é de libertar e humanizar os sujeitos que na condição de oprimidos se reconhecem capazes de transformar a sua própria realidade.

Diante disso, buscou-se identificar, a partir das experiências no estágio, qual a importância da Educação Popular para a comunidade. Os estudantes assim relataram:

Eu percebo que a educação popular ela abre espaço para que as pessoas falem, que elas se posicionem, então eu acho que educação popular é importante para a comunidade quando abre esse espaço e permite que as pessoas participem de fato elas não só escutem mas elas participem estejam ali interagindo no geral. (IASMIM, 2023)

É tudo, eu tiro isso não apenas por Amargosa mas também por São Roque do Paraguaçu, que é onde eu moro. Enquanto eu estava sendo bolsista no Programa de Extensão Tecelendo, eu estava ao mesmo tempo entrando na militância que eu praticava aqui em São Roque, que foi nas Brigadas Populares, como eu fui bolsista do Tecelendo duas vezes, mas na primeira vez estávamos na pandemia então foi remoto. Eu estava vivenciando a educação popular aqui em São Roque, já que ela está em todos os lugares, a minha militância, ela fez com que a organização política por meio do trabalho de base que a gente fazia e que a gente faz, eu fosse entendendo a educação popular na prática já que foi muito teórico no remoto por eu estar longe do Tecelendo e de Amargosa. Eu acho que foi muito para São Roque, assim, tanto para mim quanto para os outros, porque por exemplo ainda que minha mãe não estivesse participando das Brigadas eu dialogava com ela eu fui aprendendo muito também, minha mãe consegue entender algumas coisas por causa desse meu contato com a educação popular, uma vez eu conversei com ela sobre a indústria farmacêutica e ela colocou várias coisas assim que ela sabia, saberes populares mesmo, por exemplo, sobre a rezadeira que ela ia para poder passar a dor de dente, só que hoje ela não pensa mais em ir para a rezadeira ela pensa no remédio e quando eu comecei a conversar com ela sobre essa questão do capitalismo e a indústria farmacêutica vi que ela não estava olhando aquilo de uma forma crítica, porque ela não teve acesso a esse tipo de educação, a educação popular a gente encontra ela nas pessoas que enxergam as coisas de forma crítica de uma forma ingênua para que depois ela também possa receber aquilo de uma forma mais ampla, e eu percebo que é bom para a

comunidade através desse meu contato com as brigadas, eu dei o exemplo de minha Mãe mas poderia citar outras pessoas, com outros trabalhadores aqui de São Roque que sempre paramos para conversar e eu percebia a importância que era também de a gente ouvir, porque a gente tava ali num lugar de militante, de chegar e panfletar com o pessoal sobre a situação atual do Brasil na pandemia e eu percebia que o povo sabia de muita coisa e também percebia a necessidade deles colocarem esses saberes, suas reclamações por exemplo da situação atual da pandemia para fora, para que eles entendam também que a gente correndo atrás da comunidade para ouvi-la eu acho que fortalece e entender que aquilo que a comunidade está colocando para os camaradas e as outras pessoas o que ela estava pensando que ela não está sozinha. (PEDRO, 2023)

É possível notar que as narrativas dos estagiários evidenciam de que forma a educação popular beneficia a comunidade. Abre espaço para que possam se posicionar e participar de maneira ativa e autônoma. A narrativa do estudante Pedro relata como suas vivências em movimentos e espaços de educação popular têm contribuído significativamente para a sua formação e para a formação daqueles que convivem com ele, bem como a comunidade, de modo a compreender a necessidade e a importância do trabalho coletivo. Ouvir a comunidade e trabalhar em coletividade são ações proporcionadas pela educação popular.

Forjado nesta concepção, Brandão (2009) menciona que a educação popular é caracterizada como a educação da comunidade:

Aqui, consideramos dois sentidos usuais para a educação popular. Primeiro, enquanto processo geral de reconstrução do saber social necessário, como educação da comunidade e, segundo, como trabalho político de luta pelas transformações sociais, como emancipação dos sujeitos, democratização e justiça social. (BRANDÃO, 2009, p. 12)

O autor faz menção a importantes características da educação popular, ou seja, a comunidade e o trabalho político de luta, em que o saber social da comunidade é valorizado e a luta pelas transformações sociais é fortalecida. Nesse ínterim, o objetivo é emancipar sujeitos, democratizar a sociedade e garantir a justiça,

sobretudo para os que se encontram presos em relações opressoras; essa é a importância da educação popular para a comunidade, pois não há uma sem a outra e vice-versa.

Tendo como base o estágio realizado, os estudantes destacaram suas concepções a partir de suas vivências como estagiário/a na Educação Popular, afirmando ter se tratado de uma experiência formativa muito importante e que agregou de maneira significativa para as suas trajetórias.

[...] então hoje eu olho para os espaços não formais com outro olhar depois desse estágio acho que foi a segunda experiência que eu tive em ambientes não escolares e eu percebo que isso me modificou eu não tinha pensado antes eu não pensava muito que eu poderia atuar em ambiente não escolar, como, por exemplo, foi uma feira eu nem sabia que uma feira poderia ser considerado um espaço não escolar, eu achei que era mais ongs, instituições mas eu percebi que não e que uma feira pode ser considera esse espaço de educação não formal e que contribui para minha vida sim eu consigo ver não só a prosas mas esse ambiente de forma diferente hoje em dia, eu acredito que contribui sim. (IASMIM, 2023)

Eu aprendi, primeiro, que a extensão fez com que eu falasse mais e isso porque a minha experiência ainda que tenha começado no remoto eu participei de muita coisa que foi colaborando para que eu pudesse me sentir confortável para me comunicar, me apresentar. Eu tive muitas experiências ainda que em pouco tempo acho que aconteceu muita coisa e aí eu conto também de minhas experiências com a educação popular não só no Tecelendo, mas também na Prosas do campo porque eu fui bolsista do Tecelendo, mas é vinculado à Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária que é a Prosas, apenas o fato de ir à feira eu já percebia aquilo com um outro olhar que possivelmente eu não teria se não tivesse contato, por exemplo, com os estudos sobre educação popular, a partir do momento que eu conheci a educação popular percebi-la em todos os cantos, tudo para mim eu percebia como educação popular desde as minhas vivências aqui em São Roque como também de uma forma, digamos, mais elaborada é no Tecelendo, no Tecelendo de uma forma mais intencional na verdade porque, por exemplo, eu participei do curso de tecelagem foi algo organizado, então dessas experiências assim tive o curso de tecelagem, tive vários convívios na Prosas porque eu ia armar barracas isso para mim também era educação popular porque eu estava aprendendo com o

pessoal ali eu não tinha experiência em armar barracas, por exemplo, e tinha pessoas ali que sabiam armar barracas, o contato com as pessoas para mim foi muito bom e tem também no estágio de gestão em ambientes não escolares que a nossa prática foi justamente sobre a educação popular, nós tivemos também a experiência de levar pessoas da Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária para o evento proposto por nós estagiários que foi a construção do mural da Prosas do campo e ali pra mim também foi uma experiência porque os princípios que a gente seguiu enquanto organizadores eu e as minhas colegas de estágio foram princípios que refletissem a educação popular, a minha percepção disso é que eu saí dali aprendendo algo novo porque eu me coloco sempre para isso eu não entro com essa ideia de que eu vou sair igual de tudo que eu entro. (PEDRO, 2023)

As experiências com a educação popular certamente contribuem para a ampliação da percepção sobre a concepção de educação constituída pelos estudantes durante o curso, pois dizem respeito à outra visão de educação. As narrativas dos estudantes retratam uma descoberta de quais espaços educativos onde podem atuar como profissionais. Essas vivências consolidam processos formativos, uma vez que auxiliam os estudantes a se desenvolverem academicamente, mas também como pessoas. Os espaços da extensão e suas ações direcionadas para a perspectiva da educação popular possibilitam um encontro que gera trocas de saberes e experiências fundamentais para a formação e autonomia dos estudantes inseridos nesses espaços, a exemplo do Programa de Extensão Tecelendo e da Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária – Prosas do Campo.

Sobre a educação popular, Brandão (2009) alerta que

[...] devemos reconhecê-la como uma educação humanizadora. Uma educação para a qual a pessoa que se educa está destinada a conviver e a ser a partir do que estará sempre adquirindo e reconstruindo em si mesma com-e-atraves de seus outros, em e entre comunidades aprendentes. Aprendendo o saber das teorias mais, e mais densamente, o saber que provém da experiência vivenciada de uma afetiva, efetiva e crescente formação pessoal e interativa. Uma vida de busca do outro e de compartilhamento como sentido dela própria no cotidiano, como fundamento da razão de ser da experi-

ência humana no mundo. (BRANDÃO, 2009, p. 83-84)

Por ser humanizadora, a educação popular forma pessoas para que formem outras pessoas e assim sucessivamente, em constante processo de aprendizagem que advém das experiências vivenciadas, como podemos notar nas narrativas apresentadas pelos estudantes. Portanto, quem vivencia a educação popular torna-se mais gente, no sentido da humanização.

Tendo em vista as experiências vivenciadas no Programa de Extensão Tecelendo, buscamos identificar nas falas dos estagiários o que eles compreendem como extensão universitária, os quais expressaram o seguinte:

Eu acho que tudo que é, não que esteja fora da universidade e talvez nem fora do acadêmico, mas é o diálogo mesmo dos diversos espaços com a universidade. A extensão para mim é isso, a gente entender que a universidade começa e termina assim no acadêmico e não deixar o acadêmico de lado, mas que ele vai estar sempre em vínculo com os outros espaços que se encontram fora da universidade, a extensão para mim é isso, o próprio nome já diz é uma coisa ampla que se abrange, ela começa ali naquele mundo que podemos chamar de "mundinho formal", mas que essa formalidade não precisa andar sozinha, na verdade ela não anda sozinha ela está aí em diálogo com outros espaços. (PEDRO,2023)

Eu acho que é aquilo que vai além da universidade que é aquilo que sai de dentro do centro e vai além, alcança as pessoas, a comunidade, então é aquilo que vai além que se afasta da proposta não se afasta totalmente mas que se separa um pouco daquilo que podemos dizer tradicional daquele ensino e vai além abrange e alcança as pessoas. (IASMIM,2023)

A extensão universitária alcança uma realidade externa às quatro paredes das universidades, pois "é entendida em termos de difusão da cultura e de integração da universidade com o 'povo'".(MELO, 2002,p. 11).Ela se estende de forma a construir e compartilhar conhecimentos com a comunidade, auxiliando na diminuição dos problemas sociais e na democratização do conhecimento.

A partir da experiência no Tecelendo, um pro-

grama de extensão, o estagiário relata a importância deste entrelaçamento entre a comunidade e a universidade:

A importância desse contato faz a gente refletir, entendendo a extensão como importante para mim enquanto estudante, mas também é para a comunidade, então tem que me favorecer, mas favorecer também aquele espaço no qual a gente está se apropriando também para se formar, é muito importante porque na verdade é uma troca de saberes que vai estar acontecendo. (PEDRO,2023)

A difusão do conhecimento deve acontecer de maneira dialógica, como trocas, afim de que ambos os indivíduos possam aprender e ensinar. Freire (1977) menciona que "o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo o 'pronunciam', isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para humanização de todos." (FREIRE, 1977, p. 16). Desse modo, o diálogo é a essência da humanização que transforma e a extensão universitária deve se constituir, sobretudo, numa perspectiva humanizadora-libertadora a partir dos diferentes saberes.

Ao compreender as contribuições do espaço da extensão universitária na perspectiva da educação popular, a estudante menciona de que forma esse espaço tem favorecido sua formação como futura professora:

Sim, tem contribuído sim para agora que eu vou atuar eu acredito que a minha atuação enquanto profissional vai ser diferente, eu acredito que vai ser diferente agora que eu já entendi que aquilo que eu aprendi no espaço da feira eu posso trabalhar numa escola mesmo sendo um espaço tradicional, podemos chamar assim de tradicional eu acredito que a experiência que tive lá eu posso sim utilizar na minha vivência como educadora. (IASMIM,2023)

As vivências nos espaços de extensão universitária e de educação popular permitem grandiosas contribuições para a trajetória dos estudantes, representando um diferencial em sua atuação profissional. A sua concepção de educação não é mais a mesma e corresponde a uma prática humana e de valorização do saber e da cultura popular vivenciada pelos estudantes.

Diante das vivências proporcionadas pelo estágio, os estudantes narram quais contribuições

formativas o Programa de Extensão Tecelendo proporcionou para a sua trajetória de vida enquanto pessoas:

Eu acho que escutar mais os outros com um pouco mais de atenção nos espaços onde a gente vai, como a gente trabalha com crianças a gente está sempre acostumado com as crianças mas quando a gente chega no estágio foi um estágio com adultos e idosos, foi um público mais misturado digamos assim, eu tive que ouvir mais ver de fato o que eles queriam que acontecesse como foi na reunião a gente vai participar do documentário mas pode ser assim. A escuta. (IASMIM,2023)

Eu passei a aprender a ouvir mais, eu comecei a vivenciar a educação popular a partir do momento que entendia fui conhecendo e entendendo ela, fui entendendo ela como necessária e importante, isso muda também a forma como eu vou me relacionar com as outras pessoas independente que seja pessoas da universidade ou pessoas que não estão na universidade que não estão calcadas no mundo acadêmico, mas com todas as pessoas independente do lugar que elas estejam. (PEDRO,2023)

As contribuições da extensão universitária na perspectiva da educação popular tornam-se visíveis nas narrativas dos estudantes. Muitos foram os aprendizados construídos em mediação com esses espaços e com as pessoas que os integram. A escuta é primordial para estabelecer um diálogo sincero e verdadeiro. Portanto, é de fundamental importância fortalecer a luta pela educação popular, seja nas universidades ou nas escolas, porque, antes mesmo de aprender os conhecimentos sistematizados e considerados científicos, é preciso que nos reconheçamos como gente, pessoas preparadas para melhorar a si, ao outro e ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a importância da extensão universitária na perspectiva da Educação popular, uma vez que as narrativas apresentadas pelos estudantes da Pedagogia se inter cruzam quando narram suas experiências com este espaço que se configura como

programa de extensão ao mesmo tempo que apresenta a Educação popular como horizonte de mudança social, a partir da concepção de humanização e coletividade.

As narrativas apresentadas pelos estudantes da Pedagogia denotam o quanto o estágio no Tecelendo e na Freira de Agricultura Familiar e Economia Solidária - Prosas do campo tem contribuído de forma significativa para sua formação em âmbito pessoal e profissional; ao relatarem mudanças de perspectivas, demonstram como a experiência marcou a formação inicial dos estudantes.

A extensão universitária na perspectiva da Educação popular é um entrelaçamento de fundamental importância para a trajetória acadêmica e de vida dos estudantes que a vivenciam, sendo responsável pela inserção dos estudantes em outros espaços educativos, a exemplo dos programas de extensão que proporcionam experiências de trocas de saberes com a comunidade. É de extrema relevância reconhecer os saberes populares, assim como é imprescindível a parceria da universidade com a comunidade.

Portanto, a inserção dos estudantes como estagiários nesses espaços é essencial para alargar as percepções sobre a educação, entendendo-a como plural e diversa, que acontece em diferentes tempos e espaços. A troca de saberes proporcionada pela relação entre a universidade e a comunidade revela-se importante tanto para a vivência acadêmica do estudante de graduação quanto para sua formação pessoal. Ambas as partes se beneficiam quando esta relação acontece de maneira significativa e respeitosa, valorizando os saberes e validando histórias de vida e vivências populares.

As experiências adquiridas tanto na extensão universitária quanto na educação popular caracterizam-se como uma forma de superar a ruptura existente entre a universidade e a comunidade, bem como permite pensar a transformação da sociedade, coletivamente, com o povo, estabelecendo diálogos e interação mútua entre a universidade e a comunidade, no sentido de garantir aos sujeitos envolvidos uma formação contextualizada, tendo em vis-

ta a realidade social vivenciada pela extensão universitária.

Vivenciar as práticas de educação popular permite reconhecer a educação feita com e para o povo e conhecer a perspectiva humana e militante que permeia seus princípios. Isso garante a formação de educador, aquele que se reconhece como eterno aprendiz e que tem papel de mediador dos processos de educação que acontecem, seja de forma direta ou indiretamente, tendo o diálogo e o respeito aos conhecimentos populares da comunidade como princípios da prática educativa popular.

Partindo desse pressuposto, a oportunidade de contribuir com o Núcleo Carolina Maria de Jesus como bolsista foi de fundamental relevância para minha formação, uma vez que minha participação nas atividades possibilitou vivenciar o acadêmico e o saber da comunidade concomitantemente por meio da realização de leituras, na construção de pesquisas nas áreas de fomento do programa, na participação em ações entre a Universidade e a comunidade local, na participação em eventos formativos por meio de apresentações das ações de pesquisa e extensão realizadas no Núcleo Carolina Maria de Jesus, na realização de atividades que favorecem a alfabetização da classe trabalhadora na perspectiva da humanização e da transformação social, nas discussões e práti-

cas de Educação Popular e Agroecologia.

Participar do Núcleo consiste em uma experiência significativa para o meu percurso acadêmico e profissional. Assim, a atuação no PIBEX e no Núcleo Carolina Maria de Jesus pelo Programa de Extensão Tecelando possibilitou o contato com a comunidade e a troca de experiências com diferentes pessoas, por meio de um processo atravessado pelo diálogo e colaboração. Além disso, promoveu a compreensão prática do processo de ensino-aprendizagem em educação popular, a percepção dos desafios presentes na sociedade – todos esses aspectos influenciaram positivamente na formação inicial à docência na perspectiva humanizadora.

Além de todas as contribuições pessoais mencionadas, a pesquisa revela que a experiência extensionista oportunizou a ampliação do olhar crítico-reflexivo dos estudantes de graduação sobre a sociedade e as dimensões que marcam o processo educativo para além dos muros das escolas e das universidades. Permitiu alargar o arcabouço de conhecimentos e vivências formativas que certamente contribuem de forma significativa para uma formação mais sólida no que se refere às práticas educativas nos diferentes espaços, a exemplo dos espaços de extensão universitária e de educação popular.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. [S.l.]: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

_____. **O que é Educação**. Coleção Primeiros 20 Passos. 3.ed. Editora Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Extensão e Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (org.). **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, José Francisco de. **Extensão Universitária** – diálogos populares. 2.ed. João Pessoa: Editora da UESB, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. Extensão Universitária: comunicação ou domesticação? **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 6/7, n. 2/1, p. 53-60, 1983/1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Conselho Acadêmico. **Resolução nº 38/2017, de 13 de julho de 2017**. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Cruz das Almas: Conselho Acadêmico. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/proexc/images/Revis%3a3o_da_Resolu%3a7%c3a3o.PDF. Acesso em: 20 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Conselho Acadêmico. **Resolução nº 06/2016, de 11 de abril de 2016**. Regulamenta o Programa Institucional de Bolsas de Extensão. Cruz das Almas: Conselho Acadêmico. Disponível em: https://ufrb.edu.br/pibex/images/Resolucao_006_-_2016.pdf. Acesso em: 28 dez. 2022.